

A Inclusão na escola, Projeto Convivência na EMEF Paulo Prado e a participação da Educação Física

Prof^ª Valéria Maria Blanco Parolari
EMEF Paulo Prado

Neste relato, apresento o Projeto Político Pedagógico de 2010 da EMEF Paulo Prado, que se baseia na Convivência, oriundo das Orientações Curriculares Municipais. Trabalho com o ensino fundamental II e dentre muitas crianças e adolescentes, estão um autista de 17 anos, cursando o 4º ano do ciclo II, aluno este que se faz integrado na sociedade. Interage com as pessoas, se comunica bem pela linguagem oral, apesar das dificuldades, escreve e lê, faz cálculos, desenha e principalmente adora as aulas de Educação Física, é aceito pelo grupo e requisitado para atividades como, ser goleiro. Está sempre disposto a efetuar as atividades, não reclama e sente-se bem participando das mesmas e de brincadeiras. É um aluno carinhoso, alegre, bem cuidado, onde a família o apóia, dando toda a assistência e atenção necessária para um bom desenvolvimento escolar, tanto social, emocional e cognitivo. Outro caso de inclusão é um aluno do 3º ano do ciclo II, com Deficiência Mental, atualmente chamada de Deficiência Intelectual. Este aluno, apesar de interagir socialmente, já não participa de todas as atividades propostas. Gosta de escolher o grupo para jogar handebol, futsal, queimada, pique-bandeira, mas foge de outros encaminhamentos. O aluno com D.I.têm 16 anos de idade e ainda está em processo de integração. Foi obeso e atualmente faz tratamento para emagrecer, despertando o interesse em fazer atividade física, para "entrar em forma". Comunica-se bem pela linguagem oral, mas com muitas dificuldades na escrita e leitura, decorrentes da sua própria deficiência. Também possui apoio da família, que o acompanha e participa de sua vida escolar. Porém é meu desafio, integrá-lo a sociedade de uma forma mais abrangente, através do Projeto Convivência.

Apresentação: Historicamente a proposta de integração escolar foi elaborada em 1972, na Educação Especial por um grupo de profissionais da Escandinávia, liderados por Wolfensberger, na forma do chamado princípio de normatização. O princípio declara que todas as pessoas portadoras de deficiências, têm direito de usufruir condições de vida o mais comum ou "normal" possível na sociedade em que vivem. Normatizar, não significa tornar normal e sim oportunizar as pessoas, garantindo seu direito de ser diferente e ter suas necessidades reconhecidas e atendidas pela sociedade.

O conceito de interação é uma das conseqüências fundamentais do princípio de normatização: " Normatização é objetivo, integração é processo. Integrar é um fenômeno complexo que vai além de colocar ou manter excepcionais em classes regulares "(Pereira, 1990). É parte fundamental de todo o processo educacional.

Trabalho na rede municipal aproximadamente vinte anos, atualmente com o ensino fundamental (2º, 3º e 4º anos do ciclo II). Venho aprimorando meus estudos, tendo concluído este ano o curso de Pedagogia. Trabalho na EMEF Paulo Prado, região noroeste de São Paulo, DRE Pirituba, no local conhecido como Morro Doce.

Após o início das aulas, no mês de fevereiro, tivemos uma reunião pedagógica, na qual traçamos nosso Projeto Político Pedagógico baseado na Convivência, partindo das Orientações Curriculares do Município de São Paulo. Dentro das diretrizes, discutimos e

elencamos importantes pontos sobre o Plano de Lei Municipal de Educação, da cidade de São Paulo, atrelado ao Plano Diretor e ao Plano Nacional de Educação.

As discussões foram efetuadas sobre: inclusão, redução do número de alunos por classe, direitos da escola, construção de escolas/ ampliação da rede física, verba (no mínimo 25% de gastos), remoção e aposentadoria, valorização do profissional em serviço, foi dado o exemplo de Taubaté, onde apenas os professores são do município, os diretores, supervisores entre outros, são serviços conveniados, falamos da Constituição e a importância da família no trabalho conjunto com a escola. Com estes enfoques, marcamos uma reunião de pais, no final do mês de fevereiro, convidando a todos para uma discussão em plenária livre sobre o Plano Municipal, com questionário e devolutiva, tabulação dos dados e envio para a DRE e para o site da rede, onde discussões feitas sobre todos os assuntos acima citados do Plano, foram concluídas em conjunto com a comunidade escolar e então elaboradas idéias e sugestões.

Pensando neste processo e tendo em mente o P.P.P. da escola, a área da Educação Física, se organizou para o planejamento. Tracei meu trabalho na convivência, no respeito, na ética e na cidadania e em como atrelar questões como a inclusão, pois temos na unidade, crianças com: Síndrome de Down, Autismo, Deficiência Intelectual e Transtorno Global do Desenvolvimento.

Nossas aulas estão programadas com uma diversidade de atividades, também baseada nas Orientações Curriculares do Município de São Paulo, na área da Educação Física. As aulas são diversificadas e variam com: brincadeiras infantis e folclóricas, jogos cooperativos, modalidades esportivas, incluindo atletismo com (salto em altura, salto em extensão, revezamento, arremesso de peso), tênis de quadra, de mesa, badminton, xadrez, dama, dominó, trabalho de coordenação motora com utilização de materiais como cordas e arcos, ginástica artística e rítmica, vídeos de judô, dança, aulas teóricas sobre a Copa do Mundo, anatomia, cuidados com a higiene, conscientização da importância do vestuário adequado para a prática da atividade física, alimentação, hidratação, segurança, como por exemplo não mascar chiclete durante as aulas e explicações sobre possíveis acidentes e seus riscos.

Elaborado o planejamento, constatamos que alguns dos casos possuem laudos e os alunos de inclusão, fazem acompanhamento médico adequado a cada síndrome ou deficiência, portanto são medicados, mas nem sempre devidamente, suas famílias procuram estarem presentes, mas em alguns momentos falham, por exemplo, soubemos de uma mãe que alterou por conta própria a medicação ou a rotina da criança ou adolescente, intervindo assim em seu bem estar, levando ao comprometimento de seu desempenho ou permanência na escola.

A participação da família em conjunto com a escola é fundamental para o processo de adaptação ou continuidade no desenvolvimento dos educandos com deficiência, que necessitam de atenção especial e muita paciência. Todas as crianças são recebidas com carinho pela comunidade escolar, mas os profissionais não se sentem preparados para trabalhar com esta diversidade, além do que, cada criança é um ser diferenciado do outro, podem ter a mesma síndrome ou deficiência, mas cada um age de uma maneira, possui uma personalidade, condição emocional, atenção, cuidados e a família ou o responsável está diretamente ligado à formação desta criança.

A Constituição Federal garante no Capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, da Educação art.205, a Educação, direito de todos e dever do Estado e da família e no art.208, III - atendimento educacional especializado, aos portadores de deficiência, na

rede regular de ensino. Na LDB, Capítulo V, da Educação Especial, art. 58, art. 59, garante o acesso à educação especial, onde o Estado deve atender os portadores de necessidades especiais em escolas de ensino regular e ou serviços especializados. Fala também da formação dos profissionais da educação, mas não ocorre desta maneira, cada caso tem sua especificidade e existem alguns muito complexos como o Transtorno Global do Desenvolvimento, sendo a escola despreparada fisicamente para receber uma criança com este tipo de deficiência e seus funcionários, pois em nenhum momento foram oferecidas palestras dentro da unidade, para esclarecimentos, cursos ou acompanhamentos específicos, para auxiliar a escola, caminhando de forma coesa e respeitando o próprio educando.

O que acontece é que de uma hora para outra, a matrícula é feita e a escola sozinha tem que dar conta, as assistências são para a criança e a família que devem fazer o acompanhamento em instituições devidamente especializadas, fora da unidade, mas nós na escola, vamos fazendo dentro das possibilidades imediatas, pesquisando, encontrando uma luz aqui ou ali, entraves e muitas resistências vão sendo colocados, se instalando um grande desafio.

Como agir? O que fazer? Como adequar o espaço físico? Os possíveis perigos? A responsabilidade de integrar este ser humano, que não entende e que possui muitos comprometimentos? Bom, ficam as perguntas. A escola está preparada para receber uma criança com T. G. D? Será que terá garantia de socialização ou integração entre as outras crianças? Este desafio deve ser apenas da escola? As autoridades não se atentaram em fazer formações específicas para os profissionais da educação, podendo trabalhar com mais conhecimentos e conseqüentemente mais segurança e qualidade? Acredito que estas reflexões devem ser efetuadas, no momento, o que temos é uma realidade, que não condiz com o que se fala pelo poder público.

. Dentre estes casos, apenas o autista, educando do 4º ano do ciclo II e o Deficiente Mental ou Intelectual, como diz a nova nomenclatura, educando do 3º ano do ciclo II, são meus alunos, nas aulas de Educação física. Na escola fazemos um trabalho em conjunto, portanto, todas estas crianças e adolescentes são na verdade de todos professores, direção, coordenadores, agentes escolares e alunos.

Meu relato ficará em primeiro lugar, sobre o Autista, que é nosso aluno desde o 1º ano do ciclo I. No início tanto a criança quanto nós professores, tínhamos dificuldades em trabalhar, e aprendemos com este diferencial, passamos por diversos contratempos, entre eles, reações comuns do autismo como: alienação, inquietação, dificuldade de compreensão, surtos, entre outros. Em muitos momentos, revelam os professores do fundamental I, esta quando criança se jogava no chão e gritava.

A família foi de vital importância, atuando em conjunto com a escola, estando presente, valorizando seus avanços, entendendo suas dificuldades, reforçando em casa, auxiliando a criança a vencer vários obstáculos, incluindo também as nossas dificuldades, que com empenho, paciência e dedicação de todos os profissionais aos quais trabalharam com este caso, conseguiram inserir este autista na sociedade escolar. Além de ser aceito pelo grupo de colegas e demais alunos da unidade, ele conseguiu um excelente avanço durante este longo e inusitado percurso.

O autista tem um grau leve e é meu aluno desde o ano passado, onde fizemos do nosso convívio um relacionamento bastante afetivo. A sala já o acompanha por algum tempo, trabalho efetuado pelos professores do ciclo I, portanto são solidários, cooperativos e carinhosos nas atitudes para com o adolescente, que hoje possui 17 anos.

Importante ressaltar, a presença e a atuação da família, onde a mãe junto com a escola é participativa neste processo de integração e socialização do educando. Esta por sua vez, comparece em todas as reuniões e sempre que é solicitada, atende ao chamado da U.E.

O adolescente toma medicações, e fica muito sensível, quanto ao barulho e agitação dos outros alunos, sendo que devido a turbulências e indisposições, a mãe o leva para casa ou ao médico, quando necessário. No mais o mesmo permanece o tempo normal de aula, salvo exceções.

Iniciamos o ano letivo de 2010 conversando sobre o respeito, o que pensam sobre o assunto, como acham que deve acontecer no cotidiano, que referenciais seguir, o que é bom e o que não é, como cada um age, o que são limites, valores, princípios éticos, o que é ética, o que é cidadania, como exercê-la. Como podemos conviver em sociedade e respeitar opiniões, raças, credos, deficiências entre outros.

Ações práticas e simples como: obrigada, desculpa, por favor, licença, jogar o lixo no lixo e o que vemos no chão da escola, mesmo que não seja o lixo produzido por nós mesmos. Quais emoções sentem, quando são contrariados? Sentem Raiva? Julgam as pessoas? Discriminam? Comparamos todas estas questões com a escravidão, com as guerras, com a miséria, com o problema racial, entre outros, como então conviver e aceitar tudo e todos, como então agir? Buscar conhecimento? Ser livre de preconceitos? Bom, fizemos várias reflexões, colocamos sugestões, falamos do que nos magoa, incomoda, das diferenças entre as pessoas e seus pensamentos.

Fizemos uma mesa redonda, para apresentação do nome de cada um da sala, as perguntas se basearam no assunto discutido acima, do que gosta ou não, na relação conviver, como manter um ambiente de convívio respeitoso, amigável, coerente e com bom senso.

Partindo dos princípios aos quais eles próprios listaram, passamos a agir conforme o conversado e tido como princípios básicos de ações. Exemplo: não gosto de ser ofendido, então não ofendo, não gosto de ser agredido, não agrido, procuramos na maioria dos conflitos, manter o controle e dialogar, entender as circunstâncias e ser humilde, reconhecer o erro, ser sincero, agradecer e se desculpar, quando for preciso.

O autista é acolhido nesta sala, é respeitado e admirado, ajudado e elogiado. Nas aulas de Educação Física, escolhe grupos de jogos e brincadeiras, está inserido como uma pessoa igual às outras. Participa de todas as atividades, inclusive, o querem no gol e nunca fica de lado, a minha intervenção quase não acontece. Faz as atividades propostas e adora as aulas, brinca de Pique-bandeira com a turma, resgate, faz ginástica, joga Handebol, Futsal, corre, brinca de Pega-pega comum, Ajuda-Ajuda, Corrente, Mãe-da-Rua, Queimada de quatro cantos, participa com alegria e todos o respeitam. Fico algumas vezes perplexa com a sua interação e disposição para efetuar as atividades motoras.

Em alguns momentos, o aluno autista se aliena ou fica triste por algum motivo, porque perdeu uma defesa ou porque não quer fazer, logo conversamos e dado um tempo, ele volta a participar. Colegas o chamam e pedem para que ele venha fazer com eles as atividades, neste momento se motiva e volta à prática.

Nas competências leitoras e escritoras, possui dificuldades para: compreensão de texto, ditado, formação de idéias para elaboração de texto, ortografia, na matemática também enfrenta algumas intempéries, sempre existe um colega disposto a ajudar, nas aulas de arte faz os trabalhos com muito interesse, com o corpo não determina limites, sempre procura tentar e se esforça para conseguir, é bem humorado, alegre, e educado, pedindo o que

deseja, agradece e pede desculpas, não é agressivo, pelo contrário é bastante carinhoso e quando fica triste, faz cara de triste ou até chora.

Sua capacidade é limitada, mas faz com disposição e não diz não sei ou não consigo, quer experimentar, tem vontade, gosta de estar com o grupo, o medo de errar ou não saber, é quase imperceptível. O relacionamento com a turma e comigo, é bem saudável e o tenho como um exemplo de caráter, educação, superação e conquistas. Adoro trabalhar com este autista, nossa convivência me trouxe aprendizados enriquecedores.

Em segundo lugar, relatarei o aluno do 3º ano do ciclo II, com Deficiência Mental ou Intelectual. Neste caso tudo é bem diferente, ainda estamos em processo de adaptação, pois é o primeiro ano que trabalho com este aluno e com este tipo de deficiência. Apesar de também ser respeitado e aceito pelos colegas, ele em muitos momentos, se nega a fazer determinadas atividades e tudo diz que não sabe ou não consegue. Tem vergonha de tudo, não gosta de se expor e qualquer comentário, pode ser motivo para se esquivar.

Adora jogar e escolher o grupo que vai brincar, principalmente jogos coletivos como: handebol, futsal e queimada. Ninguém se recusa ou faz cara feia, quando deseja escolher, pois a turma também já está adaptada ao seu comportamento, o acolhem e o respeitam, participam com ele das brincadeiras ou jogos e eu professora, o deixo a vontade para optar pelo que deseja fazer. O aluno com D.I. estuda conosco desde o ciclo I, portanto, muitas dificuldades foram superadas nas fases anteriores, interagindo bem com o grupo de alunos, professores, funcionários e espaço físico.

Além da deficiência ele tinha obesidade e de uma hora para a outra, emagreceu muito, chegando a ficar bem flácido. Foge de exercícios, mas agora quer fazê-los, pois sua mãe e a diretora conversaram sobre sua saúde e estando na faixa etária dos 16 anos, pensa na aparência, quer ficar bonito, quer paquerar e admirar as meninas, principalmente as que não são da sala. Pelo que sabemos, emagreceu através de medicação, mas tem se negado a se alimentar. Característico de seu caso de deficiência "mental", quando não quer, não faz. Precisaram de muita conversa para fazê-lo se alimentar corretamente e de conscientizá-lo da importância da atividade física.

Este aluno possui mais dificuldades, além do comprometimento intelectual, na leitura, na escrita, no pensamento lógico, na língua inglesa enfim no geral, a coordenação motora, também é comprometida, quanto à socialização, é superficial e variada. Nas minhas aulas em alguns momentos quer ficar com o grupo e participar em outros quer ficar sozinho e distante. Procuro conversar e incentivá-lo a efetuar as atividades propostas, mas se nega, então o deixo escolher e sugiro que me auxilie, quando peço a sua ajuda, ele faz com disposição.

É um adolescente educado, bem cuidado, alegre e observador. Não é agressivo e se comunica bem através da linguagem oral. Quando não executa as atividades por ter vergonha de errar ou do que os outros vão pensar, está parado olhando, mas não sei se está mesmo naquele instante conosco. Nossa relação é respeitosa e afetiva, a sala também o respeita, acolhe e auxilia, mas sinto que no dia-a-dia, são apenas alguns que o fazem, pois as dificuldades de aprendizagem, não são somente dele. Gosta de me contar coisas como: professora você sabe que aquela aluna cabulou aula? Ou professora você tem aula na sala daquela menina, cujo nome é ..., com uma expressão de que, gosto dela. Fica sempre por perto, me rodeando e quer atenção.

Assim como no caso do autista, está garantido por lei o término dos seus estudos, tendo apoio, carinho e acompanhamento. Sua integração social está sendo efetuada gradativamente, precisando de maiores avanços. A mãe é presente e quando solicitada

comparece a unidade, para esclarecimentos como no caso do emagrecimento acelerado, surgindo uma preocupação da escola com a sua saúde, observação a qual fiz junto ao coletivo e a direção, que por sua vez, pediu o comparecimento da responsável, para esclarecimentos, pois segundo o adolescente, comia apenas bolacha com chá.

O aluno com Deficiência Intelectual fica o período normal de aula, com raras exceções vai embora antes do término das aulas. Como educadora venho percebendo que o deficiente intelectual, bem diferente do autista, não possui amigos, parece estar sozinho, mas inserido com todos. Este é meu desafio como profissional, trazê-lo a integração, mas primordialmente acentuar suas capacidades e habilidades, valorizando seus feitos, suas conquistas e libertá-lo do medo e da importância da opinião alheia, acreditando sim nas suas próprias potencialidades. Pretendo aprender cada vez mais e poder colaborar com a formação integral destes seres humanos, em um trabalho interdisciplinar, acompanhado pela direção e coordenação da unidade escola, continuando com o projeto Convivência.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

SITE- www.efdeportes.com/ef23/defic.htm - Deficiência Mental e Atividade Física.

MEC. BRASIL. Diretrizes nacionais para Educação Especial, 1999.